

# MEDITAÇÃO SOBRE A REDENÇÃO HUMANA<sup>1</sup>

por Anselmo de Cantuária

Tradução de Diego Fragoso Pereira<sup>2</sup>

Ó alma cristã, ó alma ressuscitada de uma triste morte, ó alma redimida e libertada de uma miserável escravidão por meio do sangue de um Deus: desperta tua mente, lembra-te da tua ressurreição, reflete sobre a tua redenção e a tua libertação<sup>3</sup>. Revive onde está e o que é a força da tua salvação, dedica-te na sua meditação, encanta-te na sua contemplação. Combate o teu desgosto, faz violência ao teu coração, dirige a tua mente nisso. Saboreia a bondade do teu redentor, sê inflamado no amor pelo teu salvador. Nutre-te com o mel das palavras, bebe mais que o sabor agradável, sorve mais que o doce salutar<sup>4</sup>. Nutre-te ao pensar, bebe ao entender, sorve ao amar e ao te alegrar. Alegra-te ao te nutrir, dá graças ao beber, aprecia ao sorver.

---

<sup>1</sup> Texto publicado em: ANSELMUS CANTUARIENSIS, *Meditatio redemptionis humanae*, in: SCHMITT, Franciscus Salesius (ed.). *Sancti Anselmi Cantuariensis Archiepiscopi Opera Omnia*. Volumen Tertium. Edimburg: Thomam Nelson et Filios, 1946, p. 84-91. A *Meditação sobre a Redenção Humana* (a partir de agora MRH) é uma forma meditativa de algumas teses encontradas no *Cur Deus Homo*. A MRH foi escrita em Lyon, na França, entre o verão de 1099 e o verão de 1100. Optei por traduzir o título como se Anselmo estivesse empregando um nominativo e um ablativo, e não um nominativo e um genitivo. Optei pelo ablativo pois em alguns manuscritos é este o caso em que se encontra o título. Já sobre o *Cur Deus Homo*, penso que a tradução que mais se aproxima do teor do mesmo não é o comumente empregado. Em língua portuguesa, temos: *Por que Deus se fez homem?*, contudo, a preocupação de Anselmo no CDH não é puramente tentar compreender o mistério da encarnação. O texto não é puramente cristológico, apesar de dizer respeito a Jesus. A meu ver, o CDH é um texto de soteriologia, já que é uma tentativa de responder não ao mistério da encarnação, mas especificamente ao mistério da salvação. Desta forma, o título deveria ser traduzido como: “Por que um Deus-homem?”. A diferença, que parece ser bem sutil, é que no primeiro caso, está a se perguntar o porquê de Jesus ter se feito pessoa. No segundo caso, essa mesma pergunta é incluída e aprofundada: por que na encarnação, tem-se não só a pessoa divina ou não só a pessoa humana, mas o Deus-homem (*Deus homo*)? Por que na encarnação (cristologia), em vista da salvação (soteriologia), tem-se a união numa só pessoa das duas naturezas, a humana e a divina? Ora, a MRH contém as principais teses de CDH e, portanto, também é um texto de soteriologia. Há um comentário sobre as meditações de Anselmo em: SOUTHERN, R. W. *Saint Anselm: a Portrait in a Landscape*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. 91-112. A MRH está traduzida para a língua inglesa em ANSELM OF CANTERBURY, *A Meditation on Human Redemption*. In: HOPKINS, Jasper; RICHARDSON, Herbert (ed.). *Complete Philosophical and Theological Treatises of Anselm of Canterbury*. Minneapolis: The Arthur J. Banning Press, 2000, p. 419-426; para a língua francesa em: ANSELME DE CANTORBÉRY, *Méditation sur la rédemption de l’humain*. In: CORBIN, Michel; ROCHAIS, Henri (ed.). *L’Oeuvre de S. Anselme de Cantorbéry 5*. Paris: Cerf, 2007, p. 84-91; para a língua espanhola: SAN ANSELMO. *Meditación sobre la Redención del Hombre*. In: ALAMEDA, Julian (ed.). *Obras Completas de San Anselmo II*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1953, p. 428-441. O texto base para esta tradução em língua portuguesa é o da edição crítica de SCHMITT (1946).

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente na ESIC – Faculdade e Colégio Internacional, Curitiba (PR). Email: diegusfragoso@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Cf. Ef 1,7.

<sup>4</sup> Cf. Sl 19(18),11.

Pois bem, onde está e o que é a força e a firmeza da tua salvação? Por certo Cristo te ressuscitou. Ele, o bom samaritano, te curou<sup>5</sup>; ele, o bom amigo, com a própria vida, te redimiou e libertou; é o Cristo, estou dizendo. Assim, a força da tua salvação é a força do Cristo<sup>6</sup>.

Onde está essa força do Cristo? Realmente “o poder está em suas mãos, escondida ali está sua força”<sup>7</sup>. Na verdade, o poder está em suas mãos porque suas mãos foram transpassadas nos braços da cruz. Todavia, que força existe em tamanha fraqueza<sup>8</sup>? Que grandeza em tamanha humildade? Que algo venerável em tamanho desprezo? Porém, com certeza, por esta razão está em segredo, porque está na fraqueza; escondido, porque na humildade; oculto, porque no desprezo. Ó força escondida: um homem pendurado numa cruz vence a eterna morte que oprimia o gênero humano; um homem transpassado no madeiro transforma o mundo que estava preso à perpétua morte. Ó poder escondido: um homem condenado com os bandidos<sup>9</sup> salva os homens condenados com os demônios; um homem estendido na cruz atrai para si mesmo<sup>10</sup> todas as coisas! Ó força oculta: uma única vida enviada para a tortura livra inumeráveis outras do inferno. Um homem aceita a morte do corpo e destrói a morte das almas!

Por que, ó bom Senhor, ó terno Redentor, ó poderoso Salvador, por que encobriste tão grande força com tão grande humildade? Ou como enganarias ao diabo que, ao enganar o homem, arrancou-o do paraíso? Mas com certeza a verdade não engana ninguém. Aquele que desconhece, aquele que não acredita na verdade, esse engana-se a si mesmo. Aquele que enxerga a verdade, mas a odeia ou a despreza, esse engana-se a si mesmo. A verdade, com certeza, não engana ninguém. Para quê o próprio diabo enganaria a si mesmo? Mas, por essa razão, do mesmo modo que a verdade não engana ninguém, assim também ela não tem a intenção de que ninguém se engane, mesmo que se diga que faz isso quando [assim] o permite. Pois tu não assumiste o homem para esconder o que é conhecido, mas para revelar o que está oculto. Disseste que tu és verdadeiro Deus e verdadeiro homem e pelas obras [isso] manifestaste<sup>11</sup>. A causa por si esteve escondida, não esteve oculta pelo empenho. Não foi feito dessa forma para que fosse escondido, mas para que fosse completado de acordo com sua

---

<sup>5</sup> Cf. Lc 10,33-35.

<sup>6</sup> Cf. 2 Cor 12,9.

<sup>7</sup> Cf. Hab 3,4.

<sup>8</sup> Cf. 1 Cor 1,25.

<sup>9</sup> Cf. Mc 15,27.

<sup>10</sup> Cf. Jo 12,32.

<sup>11</sup> Cf. Jo 5,36.

disposição; para a ninguém enganar, mas para acontecer do modo como convinha. E se é dito que estava escondida, é somente porque não estava revelada a todos. Pois ainda que a verdade não se manifeste a todos, todavia, ela não se recusa a ninguém. Portanto, ó Senhor, não realizaste dessa maneira para enganar nem para alguém se enganar, mas persististe “na verdade”<sup>12</sup> através de todas as coisas para fazer o quê e como era para se fazer. Por conseguinte, aquele que se enganou na tua verdade não se enganou acerca de ti, mas de ter-se lamentado acerca de sua própria falsidade.

Acaso o diabo tinha, com justiça, alguma coisa contra Deus ou contra o homem, pelo qual naquele momento Deus devesse antes agir contra o diabo em favor do homem, ainda que, enquanto o diabo matava injustamente o homem justo, destruía na justiça o poder que tinha sobre os injustos? Mas certamente Deus não devia algo ao diabo, a não ser o castigo, nem o homem [ao diabo], a não ser o vício, ainda que, assim como o homem permitiu, ao pecar, ser vencido facilmente pelo diabo, assim Jesus venceu até o obstáculo da morte ao conservar uma justiça íntegra. Mas também isso o homem não devia a não ser a Deus. Pois o homem não pecou contra o diabo, mas contra Deus. O homem não era [criatura] do diabo, mas tanto o homem quanto o diabo eram de Deus. Mas também quando o diabo atormentava o homem, não o fazia pelo zelo da justiça, mas da maldade; nem Deus ao ordenar, mas ao permitir; ao exigir pela justiça de Deus, não do diabo. Portanto, nada havia no diabo para que Deus, contra ele, para salvar o homem, devesse ocultar ou mostrar sua força.

Acaso alguma necessidade forçou a que o Altíssimo e Onipotente “se humilhasse”<sup>13</sup> dessa maneira, se esforçasse a tal ponto para realizar algo? Mas toda necessidade e impossibilidade estão submetidas à vontade d’Ele. De fato, o que Ele quer, é necessário que seja, e o que Ele não quer, é impossível que seja. Assim, apenas por meio da vontade, e visto que sua vontade é sempre boa, realizou isso apenas através da bondade.

Com efeito, Deus não precisava salvar o homem desse modo, mas a natureza humana necessitava que fosse desse modo satisfeito por Deus. Deus não precisava padecer algo tão custoso, mas o homem tinha necessidade para que assim fosse reconciliado. Deus não precisava “ser assim humilhado”, mas o homem tinha necessidade para ser arrancado do fundo do inferno. A natureza divina não precisou nem pôde padecer ou “ser humilhada”. Era necessário que a natureza humana, para que

---

<sup>12</sup> Cf. Jo 8,44.

<sup>13</sup> Cf. Fl 2,8.

fosse restaurada pelo que havia feito, realizasse todas essas coisas; mas nem ela nem qualquer coisa que não é Deus poderia ter sido suficiente para isso. Pois o homem não é restaurado ao que foi estabelecido, se não [for] elevado à semelhança “dos anjos”<sup>14</sup>, nos quais não há nenhum pecado. Isso é impossível acontecer, a não ser que sejam admitidos pela remissão de todos os pecados, o que não ocorre a não ser através da completa satisfação precedente.

É preciso que a satisfação seja tal, de modo que o pecador ou alguém em favor dele ofereça, por si mesmo, algo a Deus que não seja a dívida, que supere tudo aquilo que não é Deus. Se, pois, pecar é desonrar Deus, e o homem não deveria fazer isso, ainda que fosse necessário perecer tudo aquilo que não é Deus. Por isso, a verdade imutável e a razão clara exigem que quem pecar devolva a Deus por causa da honra retirada algo maior que seria aquilo pelo qual não se devia desonrar Deus.

A natureza humana sozinha não tinha nem poderia ser reconciliada sem a satisfação devida, nem a justiça de Deus poderia deixar um pecado desordenado no seu Reino. A bondade de Deus veio em socorro e o filho de Deus assumiu a natureza humana em sua própria pessoa, para que nessa pessoa houvesse um Homem-Deus, que teria o que superaria não apenas toda a essência que não é Deus, mas também toda dívida que os pecadores devem saldar, e ele, embora não tivesse dívida por causa de si, pagaria isso em favor dos demais, que não tinham aquilo que deviam pagar.

A vida daquele homem é mais preciosa do que tudo o que não é Deus e supera qualquer dívida que os pecadores devem pelo preço da satisfação. Se o assassinato dele supera toda a multidão e a força dos pecados que podem ser pensados, exceto da pessoa de Deus, é claro, pois, que a vida dele é melhor do que seriam todos os maus pecados, que existem fora da pessoa de Deus. Aquele homem, uma vez que não deveria morrer por causa da dívida, já que não era pecador, ofereceu, de boa vontade<sup>15</sup>, a vida por si mesmo para a honra do Pai, quando permitiu que ela lhe fosse tirada por causa da justiça, como exemplo a dar a todos os outros que a justiça de Deus não deve ser abandonada por eles por causa da morte, que eles devem um dia pagar por necessidade, mesmo assim ele, que não a devia e poderia evitar com a justiça conservada, permitiu, de boa vontade, que ela lhe fosse infligida por causa da justiça. Por essa razão, naquele homem, a natureza humana ofereceu a Deus, de boa vontade e não por causa da dívida,

---

<sup>14</sup> Cf. Mc 12,25.

<sup>15</sup> Cf. Jo 10,17-18.

aquilo que era seu, para que se redimisse nos demais, que não tinham aquilo que era exigido que devolvessem por causa da dívida.

Em todas essas coisas, a natureza divina não é humilhada, mas a humana é exaltada. Aquela não é diminuída, mas esta é misericordiosamente favorecida. A natureza humana não padeceu naquele homem por alguma necessidade, mas por meio unicamente da vontade livre. Não cedeu à violência alguma. Mas, com uma bondade voluntária, para a honra de Deus e benefício dos demais homens, suportou com louvor e misericordiosamente aquilo que era lhe infligido por uma vontade má; não por uma obediência coagente, mas assumindo com uma notável sabedoria.

O Pai não ordenou àquele homem, coagindo-o, que morresse, mas ele, que entendeu que seria agradável ao Pai e útil aos homens, de boa vontade assim o fez. O Pai não pôde tê-lo coagido a isso, já que não devia exigir nada dele; nem ao Pai, a quem o filho ofereceu-se de tão boa vontade, poderia não ser agradável tanta honra. Por isso, Jesus demonstrou dessa maneira uma obediência livre ao Pai, quando quis realizar de boa vontade o que sabia que seria agradável ao Pai. E depois, porque o Pai lhe deu essa boa vontade – embora livre –, não sem razão diz-se que ele a recebeu como um preceito do Pai. Por isso, nesse instante, ele foi “obediente até a morte”<sup>16</sup>; “assim como [o Pai] deu o mandamento [a ele], assim ele [Jesus] fez”<sup>17</sup>; e “bebeu o cálice que o Pai ofereceu”<sup>18</sup>. De fato, essa é a perfeita e mais livre obediência da natureza humana, quando submete a sua vontade livre, de boa vontade, à vontade de Deus, e quando aperfeiçoa a boa vontade recebida, sem qualquer cobrança, por meio de uma liberdade absolutamente voluntária.

Aquele homem assim redimiu todos os outros, quando isso que benignamente ofereceu a Deus é levado em conta pela dívida que aqueles estavam devendo. Por esse preço, não só o homem é redimido das culpas de uma vez por todas<sup>19</sup>, mas também todas as vezes que retornar com digno arrependimento é acolhido. Contudo, esse arrependimento não é prometido ao que está pecando. Pela cruz, nosso Cristo nos redimiu por aquilo que aconteceu na cruz. Portanto, aqueles que, com digno afeto, desejam alcançar essa graça, são salvos. Aqueles, porém, que a desprezam, que não pagam a dívida que devem, com justiça são condenados.

---

<sup>16</sup> Cf. Fl 2,8.

<sup>17</sup> Cf. Jo 14,31.

<sup>18</sup> Cf. Jo 18,11.

<sup>19</sup> Cf. Hb 7,27b.

Ó alma cristã, eis que essa é a força da tua salvação, essa é a causa da tua liberdade, esse é o preço da tua redenção. Estavas cativa, mas neste momento estás redimida. Eras escrava, mas estás agora libertada<sup>20</sup>. Assim és: estavas exilada, agora reconduzida; perdida, agora reparada; morta, agora ressuscitada. Que teu coração nutra-te disso, ó homem, que ele rumine, beba e sorva isso quando teus lábios recebem o corpo e o sangue deste teu redentor. Torna isso, nesta vida, o teu pão cotidiano<sup>21</sup>, teu alimento e teu viático, pois por meio disso, e a não ser por isso, tu permanecerás no Cristo<sup>22</sup> e Cristo em ti<sup>23</sup>, e na vida futura ele será a tua alegria plena<sup>24</sup>.

Mas tu, ó Senhor, tu aceitaste a morte para que eu vivesse, como irei me alegrar com minha liberdade, ela que existe a não ser com os teus grilhões? De que modo ficarei feliz com a minha salvação, quando ela não haveria a não ser com as tuas dores? Como me alegrarei com minha vida, ela que não existe a não ser com tua morte? Porventura me alegrarei com o que padeceste e com a crueldade dos homens que fizeram contigo essas coisas, porque se eles não tivessem feito, tu não padecerias, e se tu não padecesses, não existiriam estes meus bens? Ou se lamentarei daquelas<sup>25</sup> coisas, como me alegrarei com estas<sup>26</sup> pelas quais aquelas aconteceram e que não haveriam, a não ser que aquelas acontecessem? Mas, com certeza, a maldade deles nada pôde fazer, a não ser porque tu livremente permitiste, nem sofreste a não ser porque benignamente quiseste. Por isso, devo abominar a crueldade deles, imitar ao sofrer a tua morte e tuas fadigas, amar ao agradecer a tua benigna vontade, e, dessa forma, exultar tranquilamente de alegria pelos bens concedidos a mim.

Então, ó pobre homem, abandona a crueldade deles ao juízo de Deus e ocupa-te das coisas que deves ao teu Salvador. Examina o que havia para ti e o que te aconteceria, e corresponde a quem fez isto para ti, o qual é digno de amor. Medita na tua necessidade e na sua bondade, e vê as graças que tens a oferecer e o quanto deves ao seu amor. Estavas na escuridão, no perigo, na descida ao caos do inferno, donde não se pode voltar. Um peso imenso, como uma corrente pendurada no teu pescoço, te arrastava para baixo. Um peso insuportável por cima te oprimia. Inimigos invisíveis<sup>27</sup> te instigavam para ser tentado por inteiro. Estavas assim sem qualquer auxílio e não sabias, pois assim

---

<sup>20</sup> Cf. Gl 4,31.

<sup>21</sup> Cf. Lc 11,3.

<sup>22</sup> Cf. Jo 6,56.

<sup>23</sup> Cf. Jo 6,57.

<sup>24</sup> Cf. Jo 16,24.

<sup>25</sup> A paixão e a morte de Jesus (N. T.).

<sup>26</sup> A ressurreição e, por conseguinte, a salvação (N. T.).

<sup>27</sup> Cf. Ef 6,12;

tinhas sido concebido e tinhas nascido. Oh! O que havia então para ti e para onde estas coisas te arrastariam: teme ao recordar, treme ao pensar.

Ó bondoso, ó Senhor Jesus Cristo, estando dessa maneira, enquanto não estou pedindo, nem enquanto estou pensando, que brilhaste para mim como o sol, e revelaste-me como eu era. Destruíste a corrente que me prendia para baixo, removeste o peso que por cima me oprimia, desviaste de mim os instigadores e a eles te opuseste em favor de mim. Chamaste-me com um nome novo, o qual, do teu nome, deste para mim, endireitaste o que está encurvado diante de ti, e dizes: “Confia, eu te redimi; dei minha alma em favor da tua<sup>28</sup>. Se permaneces unido a mim, evitaras o mal no qual estava e não cairias nas profundezas para as quais te apressavas, mas te conduzirei ao meu Reino e te farei herdeiro de Deus e meu co-herdeiro<sup>29</sup>”. Por isso, me aceitaste em tua proteção, para que nada prejudicasse à minha alma contra sua vontade. E eis que dessa maneira tu te ocupas comigo, mesmo que não tenha me unido a ti. Todavia, ainda não permitiste que eu caísse no inferno, mas até agora estás a esperar, para que eu a ti me una e tu faças aquilo que prometeste.

Sem dúvida, Senhor, assim eu estava e fizeste essas coisas por mim. Eu estava na escuridão, pois não conhecia nada, nem a mim mesmo. Eu estava em perigo, pois era débil e fraco, conforme a queda do pecado. Eu estava na descida para o caos do inferno, pois, nos primeiros pais, eu ia da justiça para a injustiça, pela qual se é levado para o inferno, e da bem-aventurança para a miséria temporal, da qual se é imolado eternamente. O fardo do pecado original me arrastava para baixo e o peso insuportável do juízo de Deus me oprimia, e os demônios, meus inimigos, a fim de me tornarem mais condenável por outros pecados, ardentemente insistiam com todas as suas forças.

Assim, abandonado de todo auxílio, brilhaste para mim e deste a conhecer como eu estava, pois, já que eu ainda não podia ter conhecido isso, não apenas ensinaste aos outros que existiram antes de mim, mas também, antes que eu pedisse, tu ensinaste a mim mesmo todas essas coisas. Rompeste a corrente que prendia, o peso que acabrunhava, os inimigos que instigavam, pois afastaste o pecado – no qual eu tinha nascido e tinha sido concebido<sup>30</sup> – e sua condenação. Proibiste os espíritos malignos para que não fizessem violência à minha alma. Pelo teu nome, tu me fizeste ser chamado ‘cristão’, através do qual não apenas eu reconheço, mas também tu me

---

<sup>28</sup> Cf. Ap 2,17; Jo 10,17; Mt 9,22; Is 43,1.

<sup>29</sup> Cf. Rm 8,16.

<sup>30</sup> Cf. Sl 51(50),7.

conheces no meio dos teus redimidos; tu me restauraste e me fortaleceste para o conhecimento e para o teu amor. Fizeste-me ter confiança na salvação da minha alma, pela qual tu deste a tua alma, e a mim, se eu te seguisse, prometeste a tua glória. Eis que tu te ocupas de mim, embora ainda eu não te siga; mas além dos muitos pecados que eu tenha feito, os quais tu proibiste, tu ainda esperas que eu te siga para que faças aquilo que prometeste<sup>31</sup>.

Ó minha alma, examina com cuidado! Ó todo íntimo meu, fica atento, o quanto todo o meu ser lhe deve. Sem dúvida, Senhor, já que me fizeste, devo-me a mim mesmo, inteiramente, ao teu amor. Já que me redimiste, devo-me inteiramente. Já que tantas coisas prometes, devo-me inteiramente. Na verdade, devo tanto ao teu amor, mais do que eu mesmo, quanto tu és maior que eu, por quem te ofereceste a ti mesmo e a quem prometeste a ti mesmo. Senhor, imploro, faz-me saborear pelo amor aquilo que saboreio pelo conhecimento. Perceber pelo afeto aquilo que percebo pelo entendimento. Devo mais do que eu mesmo por inteiro, porém não tenho mais, nem posso mesmo por mim me oferecer por inteiro. Atrai-me inteiramente, Senhor, para o teu amor. Tudo o que sou é teu por condição; faz que eu seja todo teu por amor.

Senhor, eis que diante de ti está meu coração. Ele tenta, mas não pode por si. Faze tu aquilo que ele próprio não pode: acolhe-me no aposento do teu amor<sup>32</sup>. Peço, procuro, bato<sup>33</sup>. Tu que me fazes pedir, faz-me receber. Tu dás o procurar, dá-me o encontrar. Tu ensinas a bater, abre ao que está batendo. A quem dás, se negas ao que está pedindo? Quem encontra, se o que está buscando é enganado? A quem abres, se fechas ao que está batendo? O que dás ao que não ora, se negas o teu amor ao que ora? De ti tenho saudades, que a ti eu alcance. Permanece, ó minha alma, unida a ele, permanece unida incansavelmente. Ó bondoso, ó bondoso Senhor, que tu não a desprezes. Ela desfalece<sup>34</sup> de fome por teu amor: restaura-a<sup>35</sup>. Que o teu amor a sacie, que a tua ternura a nutra, que tua amizade a farte. Que tu me preenchas e tomes posse de mim por completo, pois tu és o único Deus, com o Pai e o Espírito Santo, bendito pelos séculos dos séculos. Amém.

*Recebido em: 08/05/2020*

*Aprovado em: 29/06/2020*

---

<sup>31</sup> Cf. Jo 10,17; 14,3.

<sup>32</sup> Cf. Ct 3,4.

<sup>33</sup> Cf. Mt 7,7s.

<sup>34</sup> Cf. Ct 2,5.

<sup>35</sup> Cf. Mt 7,7.